

A COMPLEXIDADE DA INCERTEZA NA EDUCAÇÃO: A ESCOLA DO SUJEITO BUSCANDO RECONHECIMENTO

LA COMPLEJIDAD DE LA INCERTIDUMBRE EN LA EDUCACIÓN: LA ESCUELA DEL SUJETO QUE BUSCA EL RECONOCIMIENTO

Evandir A. Pettenon¹
Any Ávila Assunção²

4

Resumo

Este artigo é resultado dos estudos e pesquisas realizadas na disciplina de Metodologia Aplicada da Pesquisa Jurídica, mais especificamente da abordagem do Paradigma da Complexidade de Morin. Como já é aplicado à ciência, a metodologia, e também à Educação, o que para Morin sempre foi também seu campo de preocupação e pesquisa, chegando a UNESCO solicitá-lo a sistematizar um conjunto de reflexões que servissem como ponto de partida para repensar a educação do novo milênio, que é sua obra: *Os Sete Saberes necessários à educação do futuro*. Será enxertado também alguns pensadores brasileiros como Pedro Demo com suas ambivalências do conhecimento e da vida, da certeza e da incerteza, que se assemelha com Morin nesta abordagem. Paulo Freire que mais do que ninguém nos lembrou que ninguém ensina ninguém, ninguém aprende sozinho, aprendemos juntos. Ainda, a título de exemplificação de como fazer isso na prática, José Pacheco com sua Escola da Ponte. Por fim, lembrados por Alain Touraine que precisa de uma escola do sujeito para continuar a busca e a luta por reconhecimento que nos encoraja Axel Honneth.

Palavras-chave: Complexidade. Morin. Incertezas. Educação. Desigualdade. Reconhecimento.

Resumen

Este artículo es resultado de estudios e investigaciones realizadas en la disciplina de Metodología de Investigación Jurídica Aplicada, más específicamente el enfoque del Paradigma de Complejidad de Morin. Como ya se aplica a la ciencia, a la metodología y también a la Educación, que para Morin siempre ha sido su campo de preocupación e investigación, la UNESCO incluso le pidió sistematizar un conjunto de reflexiones que sirvieran de punto de partida para repensar la educación de los niños. el nuevo milenio, que es su obra: *Los Siete Saberes necesarios para la educación del futuro*. También se injertarán algunos pensadores brasileños como Pedro Demo, con sus ambivalencias del conocimiento y de la vida, de la certeza y la incertidumbre, que se asemeja a Morin en este enfoque. Paulo Freire quien más que nadie nos recordó que nadie enseña a nadie, nadie aprende solo, aprendemos juntos. Además, como ejemplo de cómo hacerlo en la práctica, José Pacheco con su Escola da Ponte. Por último, Alain Touraine recordó que necesita una escuela de la materia para continuar la búsqueda y la lucha por el reconocimiento que Axel Honneth nos anima.

Palabras clave: Complejidad. Morín. Incertidumbres. Educación. Desigualdad. Reconocimiento.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios do Centro Universitário IESB (PPG-MPDS); graduado e especialista em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB); professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8148-4622>

² Doutora e Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), professora de Direito e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios do Centro Universitário IESB (PPG-MPDS). ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2125-4037>

1. Introdução

Na vida, na ciência e na educação, bem como em todas as situações, prefere-se o que é simplificado ao complexo. Busca-se as certezas e não as incertezas. Deseja-se ordem, organização e não desordem e desorganização. Mas sabe-se que a vida, a ciência, a educação e tudo que envolve tem mais complexidade, tem mais incertezas, mais desordem e desorganização. É a dinamicidade, é a dialética, o processo de tudo. Se tudo fosse simples, organizado, certo e ordenado, não seria vida vivida, seria coisa robotizada, mecanizada e já programada para o que acontecerá. Mas o *imponderável*, o *improvável*, como diz Morin agora, quanto a guerra entre Ucrânia e Rússia, que aposta no improvável, como em muitos momentos da história, que nada se esperava, e o improvável aconteceu³. Parece estranho um intelectual, cientista social, falar de “apostar no improvável”, mas do alto dos seus 102 anos certamente a experiência histórica do improvável foi mais forte do que o provável, as incertezas foram maiores do que as certezas, a complexidade foi e é mais que a simplificação.

Pretende-se neste artigo abordar o pensamento complexo, a teoria da complexidade de Morin, mas de forma como o próprio autor diz, como método, pois além deste *en passant* na complexidade de modo geral, pensar-se-á para a Educação como *simplificação x complexidade*. A educação é complexa, não complicada. Complexidade não é complicação. A educação é complexa porque nunca foi simples. Mas sempre foi tratada e cuidada com simplificação e porque não dizer simplismo e superficialidade.

Desenvolver-se-á, junto com Morin, outros pensadores que ampliarão e localizarão a complexidade da Educação brasileira, entre eles, citando o imortal mestre Paulo Freire, Pedro Demo com sua *Certeza da Incerteza*, que resgata a ambivalência de Bauman. O português José Pacheco com suas experiências complexas na educação e Bourdieu com o capital cultural.

E o texto finaliza com algumas certezas incertas e complexas que são caminhos para a mudança com a *Escola do sujeito* de Alain Touraine e a *Luta por Reconhecimento* de

³ Edgar Morin, entrevistado por Frédérique Jordaa e Patrice Moyoin, no France Ouest, Março de 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616780-morin-antes-de-indignar-se-e-preciso-pensar>. Acesso em: 03 Out. 2023.

Axel Honneth e com o próprio Morin com os seus *Sete Saberes necessários à educação do futuro*.

2. A simplificação e a complexidade

O paradigma da simplificação, o pensamento simplificador é a ciência clássica, que reduz, que simplifica, que estuda uma parte específica, um fenômeno isolado. É o princípio cartesiano, o método cartesiano, de separar, decantar, isolar, verificar as evidências, analisar e dividir em partes, sintetizar agrupando as partes, enumerar e comprovar. Mesmo duvidando de tudo, exceto do *cogito ergo sum*, a dúvida é metódica, aquilo que é evidente e percebido com clareza e distinção. É a busca das certezas da sua nova ciência (cartesiana) que garante um conhecimento sólido e verdadeiro. Ainda hoje isso é a ciência. Se estuda assim. E à primeira vista até parece que é isso mesmo. Isto é, a simplificação é atraente e satisfatória, ela basta, não precisa de mais nada. Quem não quer um conhecimento sólido e verdadeiro? Morin, ao apresentar o pensamento complexo, não execra o pensamento simplificador, mas o abarca e diz que:

Foi graças ao método que isola, separa, dissocia, reduz à unidade e mede, que a ciência descobriu a célula, a molécula, o átomo, a partícula, as galáxias, os quasars, os pulsars, a gravitação, o eletromagnetismo, o quantum de energia; que aprendeu a interpretar as pedras, os sedimentos, os fósseis, os ossos, as escritas desconhecidas, incluindo a escrita inscrita no DNA (Morin, 2016, p.26).

Mas isso não significa que não faz duras ponderações as consequências que resultaram desta visão científica, deste método, deste pensamento simplificador e é justamente por isso que ele propõe outra forma de pensar. E não é só no campo científico, é na vida das pessoas também, uma fragmentação, uma dissociação, uma falta de visão do todo e de tudo, valorizando saberes, profissões, temáticas, gêneros cada vez mais específicos e especializados.

Nestas compartimentações e gavetas o exemplo sempre mais visível é na medicina com suas especializações das partes do corpo tratadas separadamente por cada especialista,

ou então os horários das disciplinas na escola. Esta vida e conhecimento fragmentados do conhecimento simplificador, Morin diz que são mutilações e manipulações:

Estou convencido de que qualquer conhecimento simplificante, portanto mutilado, é mutilante, e se traduz por uma manipulação, uma repressão, uma devastação do real assim que ele é transformado em ação e, singularmente, em ação política. O pensamento simplificante se torna a barbárie da ciência. É a barbárie específica de nossa civilização. É a barbárie que hoje se alia a todas as formas históricas e mitológicas de barbárie. ” (Morin, 2016, p. 463)

7

Como já mencionado, o pensamento complexo não elimina, não subestima, não se coloca como superior ao pensamento simplificado, mas quer agregar, abarcar, abraçar; inclusive abraçar é um significado do latim *complexere*. Isto é, juntar o que estava disperso como o próprio Morin diz: “deve permitir um avanço do pensamento e da ação que pode reunir o que estava mutilado, articular o que estava disjunto, pensar o que estava ocultado” (Morin, 2016, p. 37). Não busca mais só a ordem, a clareza e a distinção, mas entende a complexidade que reside na ideia de que para existir ordem tem a desordem, e a desordem cria ordem e ordem cria desordem, isto é, um espiral paradigmático. Portanto, “trata-se de ligar o que estava disjunto a partir de um princípio de complexidade” (Morin, 2016, p. 37). Por isso Morin diz que: “o conhecimento do que é organizado poderia se transformar em princípio organizador de um conhecimento que articularia o que está separado e tornaria mais complexo o simplificado” (Morin, 2016, p. 33).

O pensamento complexo, como diz sua etimologia, aquilo que é tecido em conjunto, com todos, com mais outros. Ao contrário do pensamento simplificador que isola na parte, se especializa, o pensamento complexo busca compreender de diferentes formas, modos e abordagens.

Não usa só uma disciplina, mas sim a transdisciplinaridade ou como Sérgio Coelho Borges Farias, usa o termo *mit-disciplinaridade* como conjunto das várias abordagens (multi-inter-trans) disciplinaridade, mas isso não implica, portanto, na extinção das disciplinas, mas num novo olhar sobre as mesmas. Todos os olhares de todas as disciplinas, todos os ângulos são considerados e esta complexidade é a tessitura sendo construída e nunca pronta e acabada, sempre se pode pensar mais, de outras formas, ampliando, abraçando novos horizontes, melhorando.

Para pensar complexamente é necessário pensar criticamente o próprio pensamento, é revisar, sempre voltar ao começo, fazendo uma espécie de espiral, isto é, voltar ampliando, aprimorando, melhorando. Levando em conta e entendendo que a ordem, a desordem e a organização convivem nos sistemas, uma causa a outra e é consequência da outra, são interligadas, relacionadas, portanto são pertinentes as incertezas e a falibilidade, isto é, nem sempre vai dar tudo certo e previsivelmente acertado. Não temos certezas e nem é infalível, isso é o que a ciência clássica sempre buscou, o que o pensamento simplificado deseja.

O pensamento complexo fazendo crítica de si mesmo, em espiral a cada retorno amplia o conhecimento, e se vê como ser humano incompleto que sempre vai aprendendo durante a vida toda.

Aprendendo junto com outros vai desenvolvendo a solidariedade. Vai desenvolvendo consciência de si e do mundo e percebendo que pode transformar também as instituições e o mundo. Morin conclui o seu livro *O Método I - A natureza da natureza*, encorajando a continuar buscando e praticando o pensamento complexo:

Digamos agora que uma ciência complexa nunca terá de ser validada pelo poder de manipulação que procura, pelo contrário. Mas, se não desemboca em ações manipuladoras, desemboca necessariamente na ação. Ora, enriquecendo e mudando o sentido da palavra «conhecer», a complexidade convida-nos a enriquecer e mudar o sentido da palavra «ação», a qual em ciência e em política, e tragicamente quando quer ser liberação, se torna sempre, em última instância, manipulação e subjugação. Podemos entrever que uma ciência que traz possibilidades de autoconhecimento, que se abre para a solidariedade cósmica, que não desintegra o rosto dos seres e dos existentes, que reconhece o mistério de todas as coisas, poderia propor um princípio de ação que não ordena mas organiza, que não manipula mas comunica, que não dirige mas provoca (Morin, 2016, p. 463).

Importante frisar que o pensamento complexo não manipula, não tem um só olhar, não tem um só lado, um só enfoque. E Morin ainda hoje, com seus 102 anos, adverte para olhar para a guerra da Rússia e da Ucrânia, não com o pensamento simplificador da grande mídia e da visão ocidental, mas sim, olhar o contexto, a história, a geopolítica, a cultura, os interesses, assim se ampliará a visão, pois o pensamento complexo não aceita manipulações.

3. A certeza das incertezas

Pedro Demo vai focar na expressão *certeza das incertezas*. Inclusive com o título de uma obra de mesmo nome, acrescido de ambivalências do conhecimento e da vida. Mas, pela leitura do livro e pela referência bibliográfica, percebe-se que ele não cita Morin, mas cita Bauman, certamente aludindo à ambivalência. Mesmo assim é possível perceber uma relação e também uma possibilidade de evidenciar melhor esta característica do pensamento complexo. Ter certeza da incerteza parece a nova dúvida metódica de Descartes ao contrário, agora não se duvida de tudo, mas sim tem certeza de que tudo é incerto, é novo *cogito ergo sum*, o *só sei que nada sei*, porque é incerto. Sem mais “paródias” com os famosos filósofos, e não querendo enfatizar na relação só como uma forma de pontuar na explanação o paradoxo da certeza da incerteza. O ser humano sempre buscou e busca a certeza, para sua vida, para sua família, seu trabalho, estudos, sociedade. A ciência clássica também tem como objetivos principais e específicos a certeza, o fim último. Mas a própria busca, o testar as hipóteses, as experiências testadas e observadas já levam a certeza da incerteza, isto é, chega-se mais a possibilidades, probabilidades, variáveis, do que certezas prontas e acabadas e mesmo quando se chega a algum resultado a ser comemorado, o verdadeiro pesquisador sabe que isso pode e vai ser superado, ampliado, melhorado, evoluído. Não é tudo ainda, pode ter mais e vai se chegar a algo a mais se continuar pesquisando. Na vida também é assim, é a incompletude do ser humano, é a utopia que Galeano nos lembrou para o que ela serve, sempre caminhando, quando parece que chegou, não é isso, está mais à frente, caminho até lá e também não é isso, está mais à frente e assim não paro nunca, isso é bonito, é o que nos faz viver e viver o mistério da vida. O paradoxo é que no fundo, no fundo, o ser humano quer ter certeza, quer um porto seguro, quer tranquilidade, mas a busca disso gera a incerteza, que é o encanto das relações humanas, que é a tessitura da vida. Se não fosse assim seria a vida programada de um robô.

Assim como na ciência clássica, na educação se trabalha a partir da certeza. Como alertou Morin, é preciso abordar a incerteza, a falibilidade, o erro, a incompletude e aprender com isso. Esta seria a aprendizagem real. Pois repetir os acertos já testados, repetir ideias já proferidas, repetir fórmulas já feitas, não é aprendizagem. Quando se busca, se constrói vai ter muitos erros e estes erros deveriam ser trabalhados, melhorados, repensados. As

incertezas produzindo certezas, mas estas certezas logo seriam percebidas como falíveis ou estágios, fases e que dando continuidade seriam superadas e ampliadas mas continuariam como incertezas em busca de certezas momentâneas. É um pouco o que Paulo Freire sempre falou e fez e agora o que José Pacheco também já demonstrou em obras escritas e obras de vivências.

4. Desigualdade na Educação, simplificação nos gastos e complexidade dos investimentos

Apesar de todas as incertezas, uma certeza se tem: é que a construção do progresso se deu e se dá pelo conhecimento, pela ciência, pela pesquisa. E a educação tem papel determinante nesta empreitada. Além do simples progresso, que não é nada simples ou pequeno, mas que não alicerçada numa nova visão de mundo, vai simplesmente reforçar, legitimar na superestrutura e reproduzir na infraestrutura, isto é, a ideia de progresso que até hoje vigorou e que mantém as estruturas e o *status quo* da sociedade, continuando as diferenças abissais de desigualdade.

Espera-se da educação a redenção das desigualdades ou no mínimo a redução. Mas como já alertado pelo mestre Paulo Freire que “sozinha a educação não transforma a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda.” (Freire, 2000, p. 67) E o próprio mestre ainda lembra que “educação não transforma o mundo. Educação transforma as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 1979, p.84). Isto é, a educação é o caminho, é uma forma de mudança, talvez a principal, mas não se pode responsabilizá-la por tudo ou colocar nos seus ombros um peso além do suportável. Se o alerta do ‘sozinha’ fosse ou for dado a importância devida, poderia vislumbrar algo diferente, isto é, se for um processo social, com mais instituições, com mais investimentos, com mais priorizações de discursos e práticas, de planejamentos e ações da sociedade como um todo, as pessoas começariam a se transformar e é possível que transformariam o mundo. Isto é, pensando com o paradigma da complexidade este “sozinha” que Paulo Freire enfatiza, seria alargado para outros campos do sistema e no circuito das interações entre ordem, desordem e organização e no espiral da volta ao começo e revisando as certezas e as incertezas certamente contagiaria mais e mais pessoas, instituições e sociedade como um todo. Mas sem ilusões de que sem a visão de

investimento, projeto com planejamento, objetivos, avaliações e revisões será só os gastos que o pensamento simplificador e redutor (agora no sentido econômico também, com a máscara da globalização neoliberal que fragiliza, sucateia as políticas públicas emergentes) imprime nas cabeças de quem não quer pensar complexamente e assim perceber a função do estado e como se deveria pensar e investigar na política educacional.

Outra certeza que se tem hoje, através da simples observação e constatação é uma brutal desigualdade na educação e nesta pandemia do coronavírus ficou mais evidente. Não é nada diferente da desigualdade constatada em outras áreas como saúde, transporte, infraestrutura nas cidades, segurança, emprego, salários, mas na educação é crucial pois ela poderia ser como já citado, a redenção ou a redução destas outras todas desigualdades. Não é a escola pública, sua estrutura, seus recursos humanos que determinam esta desigualdade. Parece estranho frisar isso, mas é senso comum e, portanto, ideológico ouvir sobre o sucateamento dos prédios escolares, da falta de equipamentos, computadores, internet, da falta de professores. Inegável que tem diferenças, mas estas diferenças não são as determinantes. Se comparar prédios e equipamentos de escolas particulares e escolas públicas, é óbvio que as particulares terão alguns ambientes e tecnologias que muitas vezes servem mais como propaganda comercial. Não caracteriza uma abissal diferença. Se comparar os recursos humanos, corpo docente, perceberá que a maioria dos professores de escolas particulares fizeram e continuam fazendo concurso público para ingressar na escola pública e que recebem remuneração menor que na escola pública. Não se está afirmando que a remuneração é justa e ideal e que os professores concursados são melhores. Então, também, talvez, a desigualdade não é tanto pelos recursos humanos. Então qual seria a diferença que causa a desigualdade? Que amplia as desigualdades? Como já mencionado são as mesmas desigualdades já existentes, a escola só continua reproduzindo. Agora, durante a pandemia, segundo pesquisa da FGV, estudantes de famílias com mais renda estudaram 50% mais horas do que os estudantes de famílias de renda baixa, além de terem feito em melhores condições. Só aumentando a desigualdade.

Uma explicação seria o capital cultural de Bourdieu. Então, o que distinguiria seria os estudantes, suas famílias. A diferença está nas famílias que não vê na educação uma possibilidade de melhora, alguns até verbalizam que sim a educação é esta possibilidade, mas o exemplo das suas vidas, a necessidade de parar de estudar e trabalhar, de trabalhar

numa profissão que não exige escolaridade, só reforça que não é pela escola. Ao passo que outras famílias falam e demonstram com suas vidas que é pela educação que conseguiram, que melhoraram de situação. Muitas famílias não têm o hábito da leitura, não tem nem tempo pra isso, não tem espaço para fazer isso, isto é, não tem exemplo de alguém estudando, lendo. Ao passo que outras famílias as crianças enxergam suas mães e pais lendo, estudando, com um ambiente, uma mesa, um computador, dando importância e dedicação aos estudos. Muitas famílias nunca foram, nunca tiveram oportunidade e possibilidade de visitar um museu, uma exposição, um teatro. Ao passo que para outras famílias isso é programa semanal, é lazer. Muitas famílias não conhecem nem os pontos turísticos da sua cidade, não frequentam, não tem dinheiro para se deslocar até eles. Ao passo que outras famílias fazem viagens nacionais e internacionais conhecendo novos lugares, cidades e países. Isso Bourdieu chamou de capital cultural e que vai fazer toda a diferença. Ainda seria importante frisar que muitos estudantes não tem uma sala, não tem um quarto, não tem uma casa e nem uma família. Não tem um cuidado e um carinho, não tem alguém para se preocupar e perguntar como foi na escola, se fez as atividades, não tem um colo, um abraço, um beijo de boa noite. E pensar que alguns defendem a meritocracia!

Cabe ainda salientar que a reforma do Novo Ensino Médio vem para legitimar, sacramentar e ampliar esta desigualdade. Pois o que se tem é um verniz ideológico, que agora o estudante pode escolher o seu itinerário, isto é, só estudar o que gosta, que pode fazer oficinas e cursos profissionalizantes, que pode se preparar para o mercado de trabalho e empreendedorismo. Parece bonito, mas é um embuste! Anteriormente foi citado a estrutura das escolas públicas, que não seria tão sucateada como a mídia e o senso comum descreve, mas sem ingenuidade, se sabe que não tem espaços ociosos nas escolas, não têm salas disponíveis, ambientes diferenciados para serem usados, então já começa por aí, como fazer oficinas, escolher seu itinerário, turmas? Isso pressupõe muitos ambientes e salas para serem usadas e isso não tem. Cursos profissionalizantes e empreendedorismo, esta é a mais cruel faceta do neoliberalismo, envernizada como se fosse uma preocupação com o social e com os interesses do estudante a curto prazo. Pois bem, nada mais é do que trabalho precarizado, salário baixo e pouca qualificação e o empreendedorismo é a ilusão de não ter patrão, mas também não tem direito nenhum. Empreender por necessidade não é escolha e não deveria ser glamourizado, pois é muito dolorido o se não vender nada hoje, não terá como comprar

comida para os filhos. Sem falar que empreender sem ter nada (aporte financeiro) para começar é enganação fadada ao fracasso, e a culpa será do fracassado, pois será apresentado como propaganda sempre 1 ou mesmo 10 de 100 que deu certo, mas e os outros 90? E para completar reduzindo a carga horária de componentes curriculares tradicionais as portas das universidades se fecham para os mais pobres, pois além de ir logo para o mercado de trabalho ou empreender, mesmo se tentar a universidade agora talvez lhes faltarão as bases para ser aprovado numa seleção de ingresso. Pois como diz Pedro Demo: “se a dita ‘educação superior’ se popularizar, deixará de ser superior. Por isso se reprime o acesso a ela” (DEMO, 1996, p. 13). Após Pedro Demo escrever isso, nas décadas seguintes aconteceu, graças a políticas públicas, a inserção de mais estudantes, filhas e filhos da classe trabalhadora, pobres, na educação superior. Apesar de não popularizá-la, causou incômodo nos que se acham superiores. E assim, no fundo, este Novo Ensino Médio é uma forma de reprimir o acesso à educação superior. Além da volta do obstáculo à Universidade, se pergunta ainda: quem sujeitos estarão sendo formados? Serão simplesmente indivíduos consumidores, ou no máximo empreendedores?

4. A complexidade da Escola do sujeito (Alain Touraine) e a certeza da luta pelo reconhecimento (Axel Honneth)

Alain Touraine fala do indivíduo, sujeito e ator e alerta que o indivíduo precisa fazer a individuação, não a socialização, inclusive ele reforça que a escola deve promover individuação e não socialização, isto é, reconhecer-se como eu diante do eu, se perceber, se localizar. A socialização acaba reforçando o comunitarismo coletivo, as regras e normas sociais a serem seguidas, neste caso já não é mais o eu que decide, escolhe, mas sim levado pelo nós do coletivo. Depois da individuação precisa fazer a subjetivação do sujeito, isto é, o que o eu tem dele mesmo, o que é próprio dele resistindo a sociedade de massa e ao comunitarismo identitário, assim se reconhece como sujeito. Ainda falta se tornar ator e Touraine diz que: “Ator é aquele que modifica o meio ambiente material e sobretudo social no qual está colocado, modificando a divisão do trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais” (TOURAINÉ, 2002, p. 220- 221). Isto é, ator é aquele atua, age, faz, modifica, transforma. Este ator que atua, este ato social leva a

reconhecer o outro e o outro também tem direitos, é sujeito e se é sujeito também pode ser ator social e assim os atores sociais atuam nos movimentos sociais, para poder ajudar a libertar mais indivíduos que não se reconhecem nem como sujeitos, como diz Touraine:

O reconhecimento do outro só é possível através da afirmação de cada um de seu direito de ser um sujeito. E, de forma complementar, o sujeito não pode se afirmar como tal sem reconhecer ao outro como sujeito e, antes de tudo, sem se liberar do outro que conduziu à sua exclusão (Touraine, 1998, p. 223).

14

E Touraine diz que a escola deve ensinar isso, deve ensinar a viver juntos, a dar condições de se tornar atores e atrizes da vida e do mundo, de ser sujeito, é a escola de sujeitos de Touraine. Esta escola de sujeitos que Touraine propõe é um resgate dos saberes tradicionais, que eram integrados e também está em sintonia com a ideia de pensamento complexo de Morin, pois busca a reunião dos conhecimentos, não supervalorizando nenhum em detrimento de outro, muito pelo contrário, enfatizando que são complementares e só tem sentido se é para formar sujeitos solidários que convivem juntos, com diversidade e respeito, como comenta Schultz:

A escola de sujeitos é o elemento que mais se destaca quando o assunto é formação ou educação de caráter. Uma escola que ensina para a liberdade e para a autonomia, sempre se ocupando com os valores que possibilitam a vivência em comum, quais sejam, a solidariedade e a diversidade. Mais do que qualquer coisa, no entanto, precisa educar para romper com a dissociação, a falta de comunicação entre a cultura e a economia, entre o afeto e a instrumentalidade, entre a massa e o gueto. A falta de comunicação é apontada por Touraine como o grande problema de nosso tempo. À solidariedade e à diversidade enquanto pilares da sociedade formadora de sujeitos pode-se acrescentar a necessidade de comunicação entre estes. (Schultz, 2013, p. 121-122)

É um sopro de esperança esta defesa de Touraine sobre a escola, a educação e a sociedade. E faz lembrar da concepção de Paulo Freire sobre o sujeito, como aquele que aprende, que sabe ler o mundo, a partir da leitura de si mesmo, de resgatar e valorizar a sua história, seu meio sócio cultural, de se reconhecer como sujeito histórico, social, político.

Visando a autonomia do sujeito, a libertação. Uma educação libertadora das amarras do indivíduo, da relação do eu com o eu, libertadora nas relações com outro e libertadora como transformação do mundo. Este sujeito luta por reconhecimento.

Axel Honneth traz uma importante reflexão e contribuição para a luta pelo reconhecimento do sujeito. A luta começa por ser reconhecido na frente do espelho, na família e na sociedade. Não tem como travar a grande luta nos conflitos sociais, sem aprender, sem vivenciar o reconhecimento que vem do amor próprio, da auto estima, do valorizar-se como sujeito de histórias e relações e isso se dá na família e na escola. Junto com isso reconhecer o outro que também é um sujeito e que luta por reconhecimento e esta luta também acontece nas instituições e para isso precisa garantir os direitos e a justiça e querendo isso para todos acontece a solidariedade na comunidade estendida, na sociedade. Esta concepção de Honneth é bem explicada por Fuhrmann:

A tese central de Honneth aponta que a identidade dos indivíduos se determina por um processo intersubjetivo mediado pelo mecanismo do reconhecimento. Assim sendo, a busca por este reconhecimento se dá através de três dimensões -do amor, da solidariedade e do direito, e não pela inclusão econômica. A ausência de reconhecimento intersubjetivo e social seria o mote dos conflitos sociais. Em linhas gerais, a tese que acompanha essa obra pode ser entendida a partir da afirmação de que os conflitos sociais são marcados (têm origem) na luta pelo reconhecimento intersubjetivo e social - esta luta é o motor das mudanças sociais e conseqüentemente da evolução das sociedades, de modo que a ausência de reconhecimento é o que deflagra os conflitos sociais. Os indivíduos e grupos só formam suas identidades e são reconhecidos quando aceitos nas relações com o próximo (*amor*), na prática institucional (*justiça/direito*) e na convivência em comunidade (*solidariedade*) (Fuhrmann, 2013, p. 86-87).

Reconhecer-se a si mesmo, reconhecer o outro e lutar pelo reconhecimento de todos é ser sujeito de direitos, é reconhecer o outro como sujeito de direitos, é lutar para garantir e ampliar esses direitos para todos como sujeitos universais. Paulo Freire frisa que a educação, a escola tem um papel fundamental nesta luta, pois um dos direitos é o direito à aprendizagem, aprendendo juntos. A criança, o adolescente, o jovem não são objetos, não são tábuas rasas, todos têm conhecimentos e que devem ser reconhecidos, aproveitados, partilhados, são sujeitos culturais, sociais, históricos imbuídos de saberes, de técnicas, de artes, de sabedorias ancestrais e expertises tecnológicas atuais que enriquecem o coletivo de

sujeitos. E hoje estes sujeitos, são novos sujeitos como diz Paulo Freire, são *Outros Sujeitos*, *Coletivos* como diz Miguel Arroyo:

São os grupos sociais que se fazem presentes em ações afirmativas nos campos, nas florestas, nas cidades, questionando as políticas públicas, resistindo à segregação, exigindo direitos. Inclusive o direito à escola, à universidade. São os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponeses, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmam sujeitos de direitos. Outros Sujeitos. São seus filhos e suas filhas que se fazem presentes nas escolas públicas e que exigem o acesso às universidades. São os outros educandos (Arroyo, 2012, p. 09)

Sujeitos que rompem o *pensamento abissal desta lado da linha*, pois estão *do outro lado da linha* (Boaventura de Souza Santos) e sempre foram anulados, apagados, inexistentes. Mas agora são estes *Outros Sujeitos*, sujeitos de direitos, indivíduos querendo ser atores. Talvez a escola pública seja a instituição onde estas linhas são menos delimitadas, onde os inexistentes foram e estão sendo percebidos como Outros Sujeitos e sujeitos de direitos pela ocupação do espaço que antes era lhes negado. Estes novos sujeitos na concepção freiriana são protagonistas, são sujeitos históricos, isto é, estão construindo sua história e fazendo história e lutando por reconhecimento.

Quem talvez traduziu isso muito mais na prática do que na teoria e em livros (apesar que tem muito material de embasamento e de relatos) é a Escola da Ponte de José Pacheco, onde naquele espaço e hoje espalhado esta experiência em várias outras escolas aqui mesmo no Brasil, realiza o pensamento complexo de Morin, com a transdisciplinaridade, pedagogia de projetos, onde os estudantes são sujeitos de sua aprendizagem; a escola de sujeitos que exercem a cogestão de forma democrática e com direitos iguais, analisando, julgando e deliberando e sendo protagonistas, buscando e lutando pelo reconhecimento.

Considerações finais

Considerando que o pensamento complexo não se conclui, não se fecha e não tem ponto final, mas sim o espiral que se abre e amplia para novos horizontes, revisitando o começo, portanto, como já foi citado, a UNESCO pede a Morin uma relação dos temas que não poderiam faltar para formar o cidadão do século 21. Ele escreveu uma lista de sete

saberes e assim nasceu o texto *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Nesta obra estão muitas das reflexões do paradigma da complexidade agora relacionado à educação e de uma forma que para quem é da área, quem é utópico (na concepção de Galeano) e luta por reconhecimento da causa é um deleite de entusiasmo e esperança (no sentido de esperar). A lista começa com o estudo do próprio conhecimento, as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. O segundo ponto é a pertinência dos conteúdos, para que levem a "apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais" (Morin, 2003, p.14). Em seguida vem o estudo da condição humana, entendida como unidade complexa da natureza dos indivíduos. Ensinar a identidade terrena é o quarto ponto e refere-se a abordar as relações humanas de um ponto de vista global, "mostrando como todas as partes do mundo se tornam solidárias, sem, contudo, ocultar as opressões e a dominação que devastaram a humanidade e que ainda não desapareceram" (MORIN, 2003, p. 15). O tópico seguinte é enfrentar as incertezas com base nos aportes recentes das ciências, mas também "devem-nos incitar a preparar as mentes para esperar o inesperado, para enfrentá-lo" (MORIN, 2003, p. 16). O aprendizado da compreensão, sexto item, pede uma reforma de mentalidades para superar males como o racismo. Finalmente, o sétimo, a ética do gênero humano, uma ética global, baseada na consciência do ser humano como indivíduo e parte da sociedade e da espécie. Após esta epifania pedagógica que Morin descortinou só resta dizer: vamos viver a complexidade na educação!

Gostaria de concluir com esta exortação na educação, mas o momento histórico mundial urge reflexões mais prementes que é a guerra da Rússia e da Ucrânia, inclusive já esboçou-se uma citação anteriormente, mas ainda cabe à guisa de considerações finais lembrar que Morin, em um de seus últimos artigos, *A beira do Abismo*, no qual ele provoca a pensar com complexidade sobre a guerra que comporta múltiplas implicações entrelaçadas e outras tantas totalmente desconhecidas (MORIN, 2022), portanto, não basta a simplicidade de agressor e vítima. Nada justifica a guerra! Mas é necessário sempre, pensar complexamente!

Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998

DEMO, Pedro. **Certeza da incerteza: ambivalências do conhecimento e da vida**. Brasília: Plano, 2000.

_____. **Pobreza Política**. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FUHRMANN, Nadia. Luta por reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 79-96, jun. 2013.

HAN, Byung-Chull. **Psicopolítica**, o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. 2. ed. São Paulo: 34, 2009.

MORIN, Edgar. **O Método 1: A natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2016

_____. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2003

_____. A beira do abismo. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, março 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/616867-a-beira-do-abismo-artigo-de-edgar-morin>. Acesso em: 03 Out. 2023

OXFAM. **Relatório anual 2022**, A desigualdade mata. Reino Unido, 2022.

PACHECO, José. **A Escola da Ponte**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. Poderá o Direito ser emancipatório? **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, v. 65, p. 3-76, maio 2003.

SCHULTZ, Adilson. Poderemos viver juntos? A educação de sujeitos como programa para superar a crise espiritual do nosso tempo. **Revista Tecer** - Belo Horizonte – vol. 3, nº 5, p. 121-122, nov. 2010

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Poderemos viver juntos?** Petrópolis: Vozes, 1998.